FASES DA INDEPENDÊNCIA

Gen. Raimundo Teles Pinheiro

O longo e cruento processo da nossa independência política poderá ser estudado sumariamente em 3 fases, além das preliminares dos movimentos independentistas de Pernambuco, Bahia e Minas no século XVIII, apesar da afirmativa de alguns historiadores de que em nenhum desses episódios foi contestada a autoridade do Rei ou as relações Brasil-Portugal, com exceção, naturalmente da Revolução Mineira (Tiradentes); da Revolta dos Afaiates (Bahia) e da Pernambucana, de 1817, já no século XIX, e considerado o único movimento nacionalista do Brasil.

A primeira fase, poderemos considerar a chegada de D João VI ao Brasil, então Príncipe regente, a abertura dos Portos, o liberalismo econômico e ruptura do pacto colonial, o desenvolvimento com a criação de Escolas Superiores, do Banco do Brasil, do Jardim Botânico, estabelecimento do Reino Unido Portugal, Brasil e Algarves em 1815 (juridicamente estava o Brasil Independente) até a Revolta do Porto de 1820, a Constituinte e o Liberalismo radical impondo o regresso de D. João ao solo europeu (1821), seguido da regência do Príncipe D Pedro; a recolonização e a imposição do regresso do Príncipe D. Pedro a Portugal por motivos fúteis (o móvel de tudo era a recolonização e o comércio para alimentar os cofres portugueses falidos).

A segunda, podemos considerar a desobediência do Príncipe, o célebre "Fico" de 9 de janeiro de 1822 e a nomeação do ministério presidido por José Bonifácio (Ministro do Reino e dos Estrangeiros) por influência ou indicação da Princesa Leopoldina; as agitações de Minas e São Paulo, a reação do Príncipe aos últimos Decretos da Corte; o estímulo da correspondência de José Bonifácio e da Princesa Leopoldina, e da Independência com a separação proclamada com o "Grito do Ipiranga" (José Bonifácio iniciou fazendo uma política moderada, com o objetivo de unir o país, separado pelas distâncias e a deficiência de ligações). Na terceira fase – a das lutas cruentas – podemos encaixar a reação das tropas portuguesas do Gen. Madeira de Melo, na Bahia, a partir de fevereiro de 1822; a criação do Exército e da Marinha por José Bonifácio, sob o comando do Gen. Labatut e do Almirante Cochrane, respectivamente, seguida de cruentas e prolongadas lutas; e vitória dos brasileiros em Pirajá e outras no recôncavo, com muitos heróis, muito sangue derramado (inclusive de freira inerme), em 2 de julho de 1823.

E o Nordeste e o Norte com Maranhão e Pará inteiramente desligados do Rio de Janeiro distante?

No Ceará não houve problema: o Crato revoltou-se contra a Junta Governativa, empossou, em 19 de novembro de 1822, o "Governo Temporário" sob a presidência de Pereira Filgueiras, que marchou para o Icó, onde dominou a resistência portuguesa e marchou para Fortaleza, dominando a Junta Governativa (portuguesa) e empossou a nova Junta aos 23 de janeiro de 1823. Estava consolidada a Independência no Ceará.

No Piaui, Maranhão e Pará dominavam os portugueses, dispondo de ligação mais fácil com Lisboa... Em outubro de 1822, em Parnaíba, o Juiz João Cândido de Deus e Silva e o rico comerciante Simplício Dias aderem à Independência; mas, deslocando-se o Major Fidiê – Cmt. das Armas – de Oeiras com a cooperação de elementos marítimos de São Luís, fogem os Patriotas para Granja, no Ceará, e com a cooperação dos cearenses, organizam tropas (cerca de 200 homens) que, dirigidos pelo Cap. Luís Rodrigues Chaves, Cap. Nereu e Leonardo Castelo Branco, invadem o Piauí, e travam algumas escaramuças até Campo Maior. O Major Fidiê – soldado experimentado nas guerras napoleônicas – regressa para Campo Maior com destino a Oeiras, onde já se havia empossado a Junta Governativa independentista sob a presidência do Brigadeiro Souza Martins – futuro Visconde de Parnaíba –, mas, antes de chegar a Campo Maior, surpreende a tropa piauiense-cearense (sob o comando do Cap. Luís Rodrigues Chaves, Cap. Nereu, Cap. Alicrim e outros), no corte do rio Jenipapo, e bate-os, após cinco horas de luta sangrenta, em que perdemos 200 mortos e feridos além de 542 prisioneiros, e os portugueses tiveram 80 baixas, mas tiveram seu trem de guerra apreendido pelos cearenses, pelo que Fidiê desiste de marchar sobre Oeiras e segue para Estanhado e daí transpõe o Parnaíba e segue para Caxias, onde recebe reforço de um contingente de S. Luís; e continua a luta dos piauienses, cearenses e maranhenses independentistas...

Atendendo à solicitação do Governo independentista do Piauí, organiza-se em Fortaleza um Exército sob o comando de Pereira Filgueiras: marcha o seu embrião para o Crato, onde engrossa suas fileiras, tomam-se providências administrativas e logísticas, e parte do Crato a 27 de maio de 1823, atinge Oeiras a 16 de junho, já estruturado o "Exército Liberador e Passificador" sob o comando de Pereira Filgueiras (nomeado por carta do Imperador datada de 16 de abril), retoma a marcha sobre Caxias, que atinge a 23 de julho, completa o cerco com um total de 8.000 homens, e os portugueses se rendem a 31 de julho. São Luís já se havia rendido a Lord Cochrane a 28, e a seguir cai o reduto paraense. E completa-se a Independência, que só é considerada totalmente completa com a abdicação de D. Pedro I, a 7 de abril de 1831, e o Governo passa inteiramente para as mãos dos representantes da nação brasileira. Foi uma dura, áspera e sangrenta caminhada molhada com precioso sangue.

Conhecem os jovens esses fatos hoje reconhecidos pelos mestres José Honário Rodrigues e outros, pelo Conde Afonso Celso, Capistrano, Rio

Branco, e já propalamos desde 1953, em trabalhos divulgados (Palestra na Sec. de Educação, na Fênix Caixeiral, etc.)?

É de justiça que, ao lado de constelações de primeira grandeza sempre lembradas, coloquemos estrelas menores, mas imperecíveis: **José Pereira Filgueiras, Tristão Gonçalves, João Cândido de Deus e Silva, Souza Martins, simplício Dias, Leonardo Castelo Branco, Luís Rodrigues Chaves, José Francisco de Souza, Cap. Alicrim, Cap. Nereu** e outros heróis nordestinos por muitos consagrados...

Notas: 1 - Ver "Estudos Histórico-Militares e Outros Temas". Páginas: 15, 156, 158, 216, 217, afirmativas minhas e dos historiógrafos: Conde de Afonso Celso, Afonso E. Taunay, Hermínio Brito Conde, de 1920, 1923, 1953, 1959, 1969, etc.

2 – A Adesão dos Independentistas de Parnaiba verificou-se a 19 de outubro de 1822 e a dos patriotas de Oeiras a 24 de janeiro de 1823. O Major Fidiê entrou em Parnaïba a 18 de dezembro de 1822, encontrando a vila deserta, guardada pela marinhagem do brigue português, "Infante D'Miguel", procedente de São Luís.

3 – A cruenta Batalha de Jenipapo travou-se aos 13 de março de 1823; teve início às 09 horas e terminou às 14, com a vitória tática do Major Fidiê que, entretanto, perdeu quase a totalidade do seu trem de guerra para os independentistas cearenses que cooperaram efetivamente com os independentistas piauienses e maranhenses.

4 – Segundo Abdias Neves, "chegou Pereira Filgueiras a Oeiras aos 16 de junho com 2.000 homens, muitos armados com péssimas clavinas de caça, muitos desarmados, todos em péssimas condições, em conseqüência da longa viagem a pé, percorrendo miseráveis estradas pelo sertão árido e calcinado, mal vestidos e famintos, conduzindo 3 canhões de campanha de pequeno calibre".

São 21 dias de verdadeira penúria e sacrifício. Imagine-se como poderia ser a sua disciplina, de homens sem a conveniente organização e instrução... E nesse estado partiu ele de Oeiras para Caxias a 04 de julho, após ser pago e refazer-se um pouco das canseiras!

Fortaleza, 04 de setembro de 1983
Gen. Raimundo Teles Pinheiro

BIBLIOGRAFIA

– "História do Brasil" – Bloc. Editora, 1972

– "Grandes Personagens da nossa História" – Editor Victor Civitas, 1972.

– "Estudos Histórico-Militares e Outros Temas" – Editor BNB – 1977 – Raimundo Teles Pinheiro

– "Mosaicos da Independência" – em Rev. do Instituto do Ceará, 1980 – Raimundo Teles Pinheiro.

– "Bibliografia de Personalidades Célebres" – 10a. Edição – 1971 – Carolina Renó Ribeiro de Oliveira.

– "A Guerra do Fidié" – 2a.Edição – 1974 – Abdias Neves.

– "O Visconde da Parnaíba" – Ed. do Instituto Histórico de Oeiras – Esmarago de Freitas.